

ENTRE A TEORIA E A ESCUTA: UM RELATO COM BASES NAS ENTREVISTAS

Bruna Camargo ¹
Gustavo Saldanha da Silva ²
Talita Valcanover Duarte ³
Denize da Silveira Foletto ⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a fase de inserção no ambiente escolar, realizada por meio do subprojeto Letras da Universidade Franciscana (UFN), correspondente à primeira etapa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A atividade ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha, localizada na região central da cidade de Santa Maria - RS, com foco em conhecer as diferentes perspectivas, através de entrevistas com participantes de diferentes núcleos presentes no ambiente educacional. Contribuíram durante o processo professoras, alunos, vice-direção e uma funcionária responsável pela limpeza, realizando-se ato da escuta dos mesmos em duas etapas. A primeira etapa foi voltada à reflexão e à construção de perguntas norteadoras que contemplassem as vivências e experiências dos contribuidores de maneira respeitosa, já na segunda etapa foi posto em prática o momento da escuta, em que os entrevistados puderam fazer seu relato sobre suas percepções, cotidiano escolar, suas funções e os desafios encontrados no ambiente educacional. Essa escuta atenta baseia-se na concepção de Paulo Freire que defende a leitura como prática libertadora, apresentada em sua obra 'A Importância do Ato de Ler' (1996). Dialoga também com as perspectivas de Roxane Rojo dos multiletramentos, no capítulo 'Pedagogia dos Multiletramentos' presente no livro 'Multiletramentos na Escola' (2012), cooperando para reflexão de como os sujeitos envolvidos constroem sentidos e interagem com os saberes escolares forma plural. Os resultados indicam que a escuta possibilitou reconhecer desafios enfrentados no cotidiano escolar, como questões estruturais e de valorização profissional, ao mesmo tempo em que evidenciou potencialidades ligadas à cooperação e ao sentimento de pertencimento entre os sujeitos. Assim, a experiência demonstrou que o exercício da escuta contribui para ampliar a compreensão das práticas educativas e fortalecer os vínculos na comunidade escolar.

Palavras-chave: Formação inicial; Escola pública; Multiletramentos; Escuta ativa; PIBID.

¹ Graduando do Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Franciscana - UFN, camargo.bruna@ufn.edu.br;

² Graduando pelo Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Franciscana - UFN, gustavo.saldanha@ufn.edu.br;

³ Doutoranda pela Universidade Federal de Santa Maria; Professora, Universidade Franciscana - UFN, talita.valcanover@ufn.edu.br;

⁴ Professora orientadora: Doutora, Universidade Franciscana, denize.silveira@ufn.edu.br;





INTRODUÇÃO

O presente trabalho é originado a partir de um relato de vivências proveniente da inserção de licenciandos em formação inicial no contexto da educação básica constitui um momento fundamental para a consolidação da identidade docente, em frente que possibilita o contato com a realidade, seus desafios e dificuldades. Nesse sentido, a prática da escuta sensível e dialógica ganha relevância, sobretudo quando compreendida pela ideia de Paulo Freire (1996), que defende a leitura de mundo como ato libertador e emancipador, e de Roxane Rojo (2012), ao discutir os multiletramentos como processos que ampliam as formas de interação e de construção de sentidos no espaço escolar. Ao ouvir os diferentes componentes que estão inseridos na comunidade educativa revela-se não apenas como exercício pedagógico, mas também como prática de valorização, reconhecimento e pertencimento.

Com base nessa perspectiva, o presente trabalho apresenta o relato da fase de inclusão no ambiente escolar realizada pelo subprojeto Letras da Universidade Franciscana (UFN), como parte integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A experiência ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha, localizada na região central da cidade de Santa Maria – RS, possuindo como objetivo principal a compreensão das diferentes visões e vivências presentes no contexto escolar. Essa prática se justifica pela necessidade emergente de aproximar futuros docentes da realidade multifacetada da escola, promovendo uma escuta atenta aos sujeitos que a constituem.

A pesquisa se desenvolveu metodologicamente em duas etapas. A primeira consistia na elaboração coletiva de perguntas norteadoras, cuidando para respeitar às vivências dos participantes. A segunda caracterizou-se pela prática efetiva da escuta, realizada por meio de entrevistas com professoras, estudantes, a vice-direção e uma funcionária responsável pela limpeza. Esse momento permitiu que cada participante compartilhasse suas percepções sobre o cotidiano escolar, os desafios enfrentados e os sentidos atribuídos ao seu papel na comunidade educativa.





Essa ação revela questões estruturais e de valorização profissional como desafios recorrentes, mas também destaca a força das relações de cooperação e do sentimento de pertencimento como elementos que fortalecem a escola. A experiência possibilitou uma ampliação da compreensão acerca das práticas educativas e evidência a importância da escuta como ferramenta para a construção de vínculos e reflexões críticas sobre a escola e a realidade que a permeia.

Logo o exercício desenvolvido no âmbito do PIBID não apenas atingiu o objetivo formativo, ao aproximar os bolsistas do cotidiano da escola, mas também reforçou a concepção de que a escuta é uma prática pedagógica essencial para promover diálogos transformadores. Nesse processo, a vivência contribuiu para a formação docente ao mesmo tempo em que fortaleceu as relações dentro da comunidade escolar, sinalizando caminhos para práticas mais inclusivas, dialógicas e conscientes.

METODOLOGIA

Esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, por priorizar a compreensão das experiências e percepções dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar. O caminho metodológico escolhido fundamenta-se na escuta ativa e no diálogo, elementos que permitem acessar sentidos atribuídos à prática educativa e ao cotidiano escolar.

A coleta de dados se deu por meio de duas etapas complementares. Primeiro com elaboração de perguntas montadas por meio de observações dos bolsistas sobre a realidade escolar e com a leitura do Projeto Político-Pedagógico (PPP). Segundo, foi posta em prática a realização da escuta ativa através de entrevistas semiestruturadas com alunos, professoras, vice-diretora e uma funcionária responsável pela limpeza.

No que diz respeito a questões éticas, respeitou-se integralmente o direito de fala e de imagem dos sujeitos. O trabalho preservou a identidade dos participantes, não divulgando nomes ou imagens que permitissem sua identificação direta. A instituição escolar foi mencionada apenas para fins de contextualização do estudo, conforme autorização obtida. Por se tratar de um exercício de inserção pedagógica, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), não houve necessidade de submissão a comitê de





ética, mas seguiu-se o compromisso ético da pesquisa em educação, assegurando o consentimento dos envolvidos e a confidencialidade das informações coletadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ato de ouvir e dialogar no ambiente educacional integra um eixo fundamental para o entendimento da realidade educacional e para a formação docente. Nesse sentido, Paulo Freire (1989), em “A Importância do ato de ler”, destaca que a ação da leitura não é limitada ao texto escrito, mas contempla também a leitura de mundo em um movimento que possibilita a compreensão crítica da realidade. Essa concepção orienta a pesquisa ao valorizar a escuta como prática libertadora, capaz de reconhecer os sujeitos em sua integralidade e de promover a construção coletiva do conhecimento.

Adicionalmente, Roxane Rojo (2012), ao trazer para discussão a “Pedagogia dos Multiletramentos”, aponta que a diversidade encontrada nas vozes, linguagens e experiências no âmbito escolar necessita de práticas pedagógicas que dialoguem com as múltiplas formas de produzir sentido. Assim, a escuta das diferentes perspectivas que compõem a comunidade escolar contribui para ampliar a visão sobre os processos educativos, reconhecendo a escola como espaço plural de saberes e vivências.

Desse modo, a pesquisa se articula com a concepção de educação que supera a transmissão de conteúdo, contemplando a valorização das experiências e a construção de vínculos entre os sujeitos. O diálogo entre os referenciais de Freire e Rojo permite compreender a escuta não apenas como técnica, mas como postura ética e pedagógica, que favorece a formação crítica e participativa dos futuros docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as entrevistas realizadas com duas professoras atuantes, vice-diretora, três estudantes do ensino médio-técnico e com uma profissional responsável pela limpeza, obteve-se a oportunidade de conhecer melhor o cotidiano da comunidade escolar. Esclarece-se que,





após deliberação conjunta com os demais bolsistas, definiu-se que o enfoque da análise recairá sobre as entrevistas realizadas com as professoras e a vice-diretora da escola. Nesse

momento foi grande valia, pois foi permeado por muito conhecimento da rotina e atuação profissional, percebendo anseios e desafios enfrentados pelas mesmas.

No início da discussão, retomam-se as entrevistas com as duas docentes da instituição, as quais seguiram o mesmo roteiro de perguntas pré-estabelecidas. Essa uniformidade permitiu estabelecer pontos de comparação entre as falas e identificar convergências e divergências nas percepções sobre o cotidiano escolar.

A primeira entrevistada foi a educadora responsável pelos componentes curriculares de Filosofia, Sociologia e Geografia. Presente na escola desde dois mil e vinte quatro, começou a atuação sendo responsável pelas Trilhas de Conhecimentos e atualmente atua nas turmas do Ensino Médio Integrado e no terceiro ano do Ensino Médio Gaúcho.

Quando questionada sobre a organização das turmas devido a grande quantidade de educandos, a docente respondeu que habitualmente é tranquilo, em destaque o Médio-Técnico, pois são turmas menores que não costumam ultrapassar vinte alunos matriculados, contendo mais facilidade em aplicar atividades em grupo com os mesmos. Também frisa que os terceiros anos são turmas igualmente boas de se trabalhar, pois costumam ser muito participativos, em especial, nas aulas de filosofia, além de terem um foco maior por conta do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No que se diz respeito ao componente de Geografia, a educadora explica que possui apenas os segundos anos do ensino médio integrado e destaca que eles possuem certa dificuldade ligada mais a interpretação do que ao conteúdo propriamente dito. Como maneira de ajudar, ela procura utilizar em suas avaliações questões de vestibulares e ENEM, fazendo a leitura e a correção junto com os mesmos, para sanar dúvidas e ajudá-los a compreender o funcionamento das perguntas. Essa prática evidencia uma preocupação em desenvolver a leitura como processo de compreensão e reflexão, não restrito à simples decodificação de palavras. Tal perspectiva aproxima-se da concepção de Freire (1989, p. 11), para quem “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e é a partir dessa compreensão que o educando passa a atribuir sentido ao texto e à própria realidade.

As abordagens que a educadora utiliza em suas aulas são de natureza prática. Ela geralmente passa a base do conteúdo e pede para que eles produzam materiais como





seminários, vídeos encenados e radionovelas roteirizados, que contemplem o assunto discutido em aulas. Também afirmou que é comum trazer notícias, acontecimentos e dados da

região para a sala, pois segundo a mesma, essa prática fomenta o interesse dos alunos em pesquisar assuntos pertinentes e de impacto à sociedade, fugindo da bolha das redes sociais, da qual demandam grande investimento de tempo.

Essa perspectiva está alinhada com a proposta de trabalhar com multiletramentos a partir das culturas de referência do alunado, envolvendo práticas de produção e análise crítica de diversos gêneros e linguagens, buscando promover uma aprendizagem ativa e contextualizada (ROJO, 2012 p. 18). Em síntese, as ações da docente revelam uma compreensão ampliada do ensino, na qual aprender implica produzir, interpretar e refletir criticamente sobre os diferentes modos de linguagem presentes na vida social.

Ao ser questionada sobre a proibição do uso de celulares pelos alunos em sala de aula, implementada pela Lei nº 15.100/2025 sancionada em janeiro de dois mil e vinte cinco, respondeu que foi uma transição harmoniosa para as turmas de segundo e terceiro ano, sendo a turma do primeiro ano que, segundo a professora, sentiu mais o impacto da proibição. Ressaltou que a concentração durante as explicações de aula apresentou uma melhora significativa e a linguagem usada em sala pelos educandos também melhorou. Para finalizar, ela diz que quando propõe as atividades de pesquisa, procura usar o laboratório de informática ou os chromebooks disponibilizados pela escola.

Dando continuidade com a segunda entrevistada, a professora responsável pelo componente curricular de Língua Portuguesa. Atua na escola desde dois mil e vinte três, mas está ativa no magistério desde dois mil e quatorze. A docente relatou que a organização das aulas segue um planejamento anual definido pela equipe pedagógica e é regularmente ajustado conforme o ritmo das turmas, o calendário escolar e as demandas que surgem ao longo do processo. Destacou que procura manter uma rotina equilibrada, prezando pela clareza dos conteúdos e pela participação dos alunos, buscando sempre adaptar as atividades para que se tornem mais atrativas e significativas.

Em relação às metodologias de ensino, afirmou que busca diversificar suas práticas, propondo trabalhos que envolvam leitura, escrita, interpretação e expressão oral, como seminários, produções textuais e debates, de modo a desenvolver a autonomia e a criticidade





dos educandos. Ressaltou que valoriza a contextualização dos conteúdos, incentivando os alunos a refletirem sobre temas do cotidiano e a estabelecerem conexões entre o que

aprendem em sala e a realidade social. Essa prática dialoga com os princípios defendidos por Freire (1989), ao compreender a leitura como uma forma de leitura de mundo, na qual o aprendizado ganha sentido a partir da realidade vivida pelos sujeitos e de sua capacidade de intervir criticamente sobre ela.

A professora também comentou sobre a proibição do uso de celulares durante as aulas, medida adotada pela escola com o intuito de evitar distrações e manter o foco dos estudantes. Ainda assim, reconhece que, quando utilizados de forma orientada e pedagógica, esses recursos podem contribuir para ampliar o repertório dos alunos e favorecer a aprendizagem. Essa percepção está em consonância com Rojo (2012), que ressalta a importância de integrar múltiplas linguagens e mídias ao processo educativo, de modo que o aluno se torne participante ativo na construção de sentidos e no uso crítico das tecnologias contemporâneas.

Por fim, destacou a importância da presença dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na escola, mencionando que aprecia a colaboração e a troca de experiências proporcionadas pelo projeto. Segundo a docente, a atuação dos pibidianos enriquece o ambiente escolar e oferece novas perspectivas metodológicas, beneficiando tanto os alunos quanto os próprios professores.

Prosseguindo com a última entrevistada, a vice-diretora e membro da gestão escolar destacou a relevância de um trabalho pedagógico pautado na colaboração entre professores, coordenação e equipe diretiva, ressaltando que o bom funcionamento da escola depende de uma engrenagem coletiva, em que cada setor cumpre um papel essencial. A profissional relatou possuir ampla experiência na docência e na área da gestão, bem como formação continuada voltada às práticas inclusivas e ao aprimoramento da aprendizagem. Essa perspectiva evidencia que ensinar implica compreender as dimensões políticas da educação e que a interpretação do mundo antecede a apropriação da linguagem, como propõe Freire (1989).

Ao tratar da inclusão, foi enfatizada a atuação do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que acompanha os alunos com deficiência e necessidades específicas em parceria constante com os professores regentes. Esse acompanhamento se dá por meio de





reuniões pedagógicas, trocas de informações e estratégias coletivas que buscam atender às singularidades dos estudantes, respeitando o ritmo e as potencialidades de cada um. A entrevistada destacou ainda o cuidado da equipe escolar em promover um ambiente

acolhedor, que ultrapassa os limites da sala de aula, envolvendo desde o corpo docente até os demais funcionários. Essa visão amplia o conceito de aprendizagem, compreendendo-a como um processo coletivo e mediado pelo mundo, em que os sujeitos se constroem mutuamente, conforme propõe Freire (1989).

Por fim, a gestora enfatizou a importância de integrar metodologias diversas e linguagens múltiplas nas práticas escolares, reconhecendo que os alunos aprendem de formas distintas e se expressam por diferentes meios. Essa abordagem dialoga com a proposta de Roxane Rojo (2012), ao defender que os multiletramentos ampliam as possibilidades de leitura e produção de sentido, permitindo que o educando se reconheça como sujeito ativo na construção do conhecimento. Dessa forma, a escola se torna um espaço de diálogo, diversidade e troca de saberes, em que a aprendizagem não se limita à transmissão de conteúdos, mas se constitui como prática social transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada durante a inserção no ambiente escolar, proporcionada pelo subprojeto Letras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), evidenciou a relevância da escuta ativa como ferramenta formativa e transformadora no contexto educacional. Ao dialogar com diferentes sujeitos da comunidade escolar, professoras, estudantes, equipe gestora e funcionária, foi possível compreender a escola como um espaço plural, composto por múltiplas vozes, experiências e saberes que se entrelaçam no cotidiano pedagógico.

As entrevistas revelaram tanto desafios estruturais e de valorização profissional quanto potencialidades que emergem das relações de cooperação, da empatia e do sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade escolar. Nesse sentido, a prática da escuta mostrou-se essencial para reconhecer e refletir criticamente sobre as condições concretas de ensino e aprendizagem, fortalecendo vínculos e ampliando a compreensão sobre a complexidade da educação pública.





Com base nos referenciais de Paulo Freire (1996) e Roxane Rojo (2012), a experiência permitiu constatar que a leitura do mundo e os multiletramentos constituem pilares fundamentais para uma educação emancipadora e inclusiva. O ato de ouvir o outro, nesse

contexto, assume caráter pedagógico e ético, possibilitando a construção de um conhecimento coletivo que valoriza as diversas formas de expressão e de produção de sentido.

Portanto, a vivência proporcionada pelo PIBID reafirma a importância da formação docente pautada no diálogo, na escuta sensível e na prática reflexiva. Ao aproximar os licenciandos da realidade escolar, o programa contribui não apenas para o desenvolvimento de competências pedagógicas, mas também para a construção de uma consciência crítica e humanizadora. Assim, conclui-se que o exercício da escuta é, antes de tudo, um ato educativo e político, capaz de transformar percepções, fortalecer a coletividade e inspirar práticas mais democráticas e significativas no espaço escolar.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e do Programa Professor do Amanhã, do Estado do Rio Grande do Sul.

Agradecemos também à escola parceira, pelo acolhimento e pela colaboração nas atividades desenvolvidas, que contribuíram significativamente para a formação docente e para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

ROJO, Roxane. *A pedagogia dos multiletramentos*. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

